

Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

O comércio exterior brasileiro de bens no primeiro semestre de 2026

Estudos especiais do BNDES
82/2026

Rio de Janeiro
Outubro 2026



Introdução

No primeiro semestre de 2026, o comércio exterior de bens apresentou desempenho significativamente mais forte do que no mesmo período de 2025. As exportações alcançaram US\$ 184,8 bilhões, crescimento de 11,5% em comparação com o primeiro semestre de 2025, enquanto as importações somaram US\$ 142,4 bilhões, um avanço de 5,1%. Como consequência, o superávit comercial de bens cresceu de forma expressiva, passando a US\$ 42,4 bilhões (aumento de 40,3%).¹ O resultado reforça a competitividade da pauta exportadora brasileira em um ambiente internacional caracterizado por elevada incerteza, tensões geopolíticas e mudanças constantes na política comercial das principais economias, em especial na dos Estados Unidos. Este estudo detalha esse desempenho sob duas perspectivas: a distribuição geográfica do comércio e a composição das pautas de exportação e importação.

Exportações por mercado de destino

Assim como em 2025, o principal vetor do desempenho positivo do comércio exterior brasileiro no primeiro semestre de 2026 continuou sendo a China. O país asiático se manteve como maior destino das exportações brasileiras, tendo importado US\$ 58,3 bilhões no semestre, valor 21,9% superior ao registrado no mesmo período de 2025. Ainda que a economia chinesa esteja atravessando um período de desaceleração gradual, o país segue crescendo próximo à taxa de 5% ao ano, com elevada demanda por produtos brasileiros, como minério de ferro, petróleo, soja e carnes.

1 Dados do Comex Stat, plataforma do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>.

Também merece destaque a diversificação dos destinos das exportações. A Índia ampliou suas compras do Brasil em mais de 88,0% – desempenho impulsionado pelo aumento nas compras de petróleo e derivados –, tornando-se um dos principais destaques positivos do semestre. União Europeia (UE), México e Singapura, entre outros, também registraram expressivo crescimento nas importações de produtos brasileiros (Tabela 1).

TABELA 1. EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR MERCADO DE DESTINO

US\$ milhões FOB				
País/bloco	1S2025	1S2026	Variação (%)	Participação em 2026 (%)
China	47.855	58.322	21,9%	31,6%
União Europeia	23.868	26.918	12,8%	14,6%
Estados Unidos	20.031	17.428	-13,0%	9,4%
Mercosul	12.532	11.052	-11,8%	6,0%
(Argentina)	9.116	7.352	-19,4%	4,0%
Oriente Médio	7.088	7.194	1,5%	3,9%
Índia	2.757	5.195	88,4%	2,8%
México	3.435	4.095	19,2%	2,2%
Singapura	3.121	4.017	28,7%	2,2%
Canadá	3.402	3.672	7,9%	2,0%
Turquia	2.347	3.007	28,1%	1,6%
Japão	2.527	2.864	13,3%	1,6%
Coreia do Sul	2.696	2.382	-11,7%	1,3%
Outros	34.062	38.626	13,4%	20,9%
Total	165.721	184.773	11,5%	100,0%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comex Stat/Mdic.

A União Europeia manteve-se como segundo principal destino das exportações brasileiras, com US\$ 26,9 bilhões no semestre, alta de 12,8% e participação de 14,6% do total exportado. Parte relevante desse crescimento concentrou-se em maio e junho, primeiros meses de aplicação provisória do Acordo Mercosul-União Europeia, que entrou em vigor em 1º de maio de 2026 e eliminou ou reduziu tarifas para parcela expressiva da pauta. Ainda que o período seja curto

para uma avaliação conclusiva e a validação definitiva dependa da aprovação do Parlamento Europeu e do Tribunal de Justiça da UE, o desempenho sugere que a ampliação da rede de acordos comerciais reforça o movimento de diversificação dos destinos da pauta exportadora.

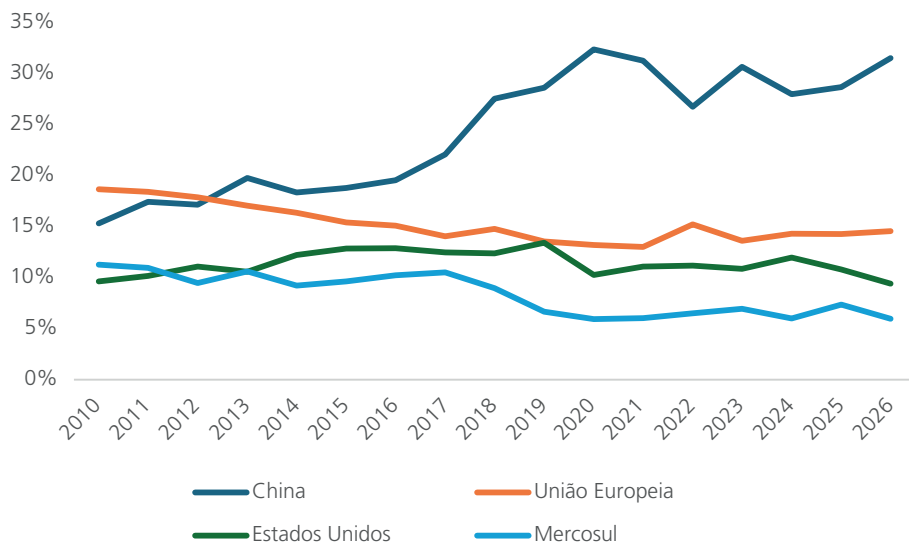
Assim, a expansão das vendas externas não se restringiu à China; estendendo-se também a outros mercados, movimento favorecido pelas iniciativas diplomáticas e empresariais brasileiras, que abriram novas oportunidades para a pauta exportadora. Por região geográfica, a expansão das exportações para China e Índia reforçou a posição de destaque da Ásia como principal motor do comércio exterior brasileiro de bens.

Na direção oposta, o desempenho das exportações para os Estados Unidos foi um dos pontos negativos do semestre. As vendas ao mercado estadunidense recuaram 13,0%, passando de US\$ 20,0 bilhões para US\$ 17,4 bilhões, com a participação do país como destino das exportações brasileiras caindo para 9,4%, o menor índice da série disponível no Comex Stat.² A queda ocorreu em um contexto de maior protecionismo comercial e de mudanças na política tarifária implementadas nos Estados Unidos desde 2025 e ampliadas ao longo de 2026.

As vendas para a Argentina também apresentaram retração relevante de 19,4%, acompanhando a continuidade do processo de ajuste econômico no país vizinho. Apesar da recuperação gradual da economia argentina em alguns indicadores, a demanda por produtos brasileiros, principalmente veículos, permaneceu fraca durante boa parte do semestre. Como consequência, o Mercosul perdeu participação relativa como destino das exportações brasileiras (Gráfico 1).

2 A série disponível no Comex Stat se inicia em 1986. Considerando-se apenas o ano completo, o menor índice de participação dos Estados Unidos como mercado de destino das exportações brasileiras de 1986 a 2025 ocorreu em 2010, no período seguinte à crise do *subprime* e ainda no contexto do *boom* das *commodities*. Naquele ano, os Estados Unidos foram o destino de 9,6% das exportações do Brasil.

GRÁFICO 1. PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS PRINCIPAIS MERCADOS DE DESTINO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS ENTRE 2010 E 2026 (EM %)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comex Stat/Mdic.

Nota: 2026 = primeiro semestre.

Análise da pauta exportadora

Sob a ótica da pauta exportadora, os combustíveis minerais permaneceram como o maior grupo de produtos exportados pelo Brasil. As vendas desse grupo atingiram US\$ 35,2 bilhões, crescimento de aproximadamente 28,1% em relação ao primeiro semestre de 2025. O resultado reflete tanto a manutenção de elevados volumes exportados quanto a favorabilidade dos preços internacionais durante parte do semestre em decorrência do conflito com o Oriente Médio, consolidando o petróleo como o maior contribuinte para o avanço das exportações brasileiras.

A soja e demais sementes e frutos oleaginosos mantiveram a segunda posição entre os produtos exportados, somando US\$ 29,6 bilhões, alta de 14,5%. Apesar da acomodação dos preços internacionais após os picos observados nos anos anteriores, a elevada demanda asiática e o bom desempenho da safra brasileira sustentaram o crescimento das exportações do complexo soja. A participação desse grupo permaneceu próxima de 16% das vendas externas totais.

Os minérios também contribuíram positivamente para o desempenho exportador. As vendas de minérios, escórias e cinzas cresceram 18,0%, alcançando US\$ 18,0 bilhões.

Da mesma forma, as exportações de carnes avançaram expressivos 27,8%. O resultado combina a expansão da demanda internacional por proteína animal brasileira com a antecipação de embarques de carne bovina para a China. Em vigor desde 1º de janeiro de 2026, a salvaguarda chinesa sobre as importações globais dessa proteína fixou para o Brasil uma cota anual de 1,106 milhão de toneladas, sujeita à tarifa usual de 12% e sobretaxa adicional de 55% sobre o volume excedente, o que inviabiliza, na prática, embarques acima do limite. Como a cota é anual e se esgota à medida que os embarques ocorrem, os frigoríficos concentraram as vendas na primeira metade do ano.³

Entre os produtos manufaturados, observou-se uma alta relevante nas exportações de máquinas e equipamentos mecânicos, que cresceram 19,9% e responderam por 3,8% da pauta no semestre. As vendas de aeronaves e suas partes, por sua vez, avançaram 32,5%. Máquinas e material elétrico também registraram alta, de 7,8%. Em sentido oposto, veículos e autopeças recuaram 11,7%, refletindo sobretudo a retração da demanda argentina, principal destino do setor. Embora ainda insuficiente para alterar de forma significativa o perfil da pauta exportadora,

3 Anunciada em dezembro de 2025, a salvaguarda tem duração prevista de três anos e abarca todos os fornecedores externos de carne bovina da China, entre eles Argentina, Uruguai, Austrália, Nova Zelândia e Estados Unidos. A cota brasileira foi distribuída entre os frigoríficos habilitados conforme o *market share* de exportação de 2025.

fortemente concentrada em produtos ligados a recursos naturais e agronegócio, o avanço desses grupos de produtos manufaturados sugere ganho gradual de competitividade de segmentos industriais específicos (Tabela 2).

TABELA 2. EXPORTAÇÕES POR CAPÍTULO DO SISTEMA HARMONIZADO (SH2)

US\$ milhões FOB					
SH2	Descrição SH2	1S2025	1S2026	Variação (%)	Participação em 2026 (%)
27	Combustíveis e óleos minerais	27.503	35.232	28,1%	19,1%
12	Grãos e sementes oleaginosas	25.806	29.558	14,5%	16,0%
26	Minérios, escórias e cinzas	15.259	18.007	18,0%	9,7%
02	Carnes e miudezas	13.061	16.685	27,8%	9,0%
84	Máquinas e equipamentos mecânicos	5.918	7.098	19,9%	3,8%
72	Ferro fundido, ferro e aço	5.979	6.493	8,6%	3,5%
09	Café, chá e especiarias	7.614	6.396	-16,0%	3,5%
87	Veículos e autopeças	7.189	6.348	-11,7%	3,4%
23	Resíduos alimentares e rações	4.462	5.185	16,2%	2,8%
47	Celulose e papel para reciclar	5.367	5.155	-3,9%	2,8%
71	Pedras e metais preciosos; joias	2.988	5.054	69,1%	2,7%
17	Açúcares e confeitaria	6.016	4.512	-25,0%	2,4%
52	Algodão	2.549	2.854	12,0%	1,5%
85	Máquinas e material elétrico	2.495	2.690	7,8%	1,5%
10	Cereais	2.033	2.304	13,3%	1,2%
28	Produtos químicos inorgânicos	2.869	2.154	-24,9%	1,2%
88	Aeronaves e suas partes	1.601	2.121	32,5%	1,1%
15	Gorduras e óleos animais/vegetais	1.636	2.086	27,5%	1,1%
44	Madeira e carvão vegetal	1.803	1.542	-14,5%	0,8%
	Demais	23.572	23.298	-1,2%	12,6%
Total		165.721	184.773	11,5%	100,0%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comex Stat/Mdic.

Nota: O Sistema Harmonizado, criado pela Organização Mundial das Aduanas, é um padrão utilizado mundialmente para classificar mercadorias no comércio exterior. O termo "SH2" refere-se aos dois primeiros dígitos do sistema, indicando o capítulo de agregação das mercadorias.

Importações por mercado de origem

Pelo lado das importações, a China permaneceu como o principal fornecedor do Brasil, com vendas de US\$ 38,5 bilhões, crescimento de 8,0% e forte contribuição na importação de veículos híbridos e elétricos. Os Estados Unidos mantiveram a segunda posição, embora as importações brasileiras de bens provenientes do país norte-americano tenham recuado 12,5%, cerca de US\$ 2,7 bilhões. Considerado em conjunto com a queda de US\$ 2,6 bilhões nas exportações brasileiras àquele mercado, o movimento evidencia uma desaceleração praticamente simétrica do comércio bilateral, coincidente com um período de maior incerteza envolvendo medidas tarifárias, investigações comerciais e reconfiguração das cadeias globais de suprimentos, fatores que tendem a afetar mais intensamente economias fortemente integradas ao mercado americano.

O aumento das importações provenientes da Coreia do Sul foi outro dos destaques do período, com as compras brasileiras do país asiático registrando expansão superior a 127% no comparativo do primeiro semestre de 2026 com o primeiro semestre de 2025. O resultado refletiu principalmente o aumento das compras brasileiras de partes de veículos, componentes eletrônicos e equipamentos produzidos no país asiático, além de uma plataforma de petróleo.

Também houve crescimento relevante das importações originárias do México e da Rússia, reforçando a diversificação dos fornecedores externos do Brasil (Tabela 3).

TABELA 3. IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR MERCADO DE ORIGEM

US\$ milhões FOB				
País/bloco	1S2025	1S2026	Variação (%)	Participação em 2026 (%)
China	35.676	38.545	8,0%	27,1%
União Europeia	24.373	24.271	-0,4%	17,0%
Estados Unidos	21.667	18.950	-12,5%	13,3%

Continua

Continuação

US\$ milhões FOB				
Pais/bloco	1S2025	1S2026	Variação (%)	Participação em 2026 (%)
Mercosul	8.795	9.005	2,4%	6,3%
(Argentina)	6.166	6.401	3,8%	4,5%
Coreia do Sul	2.660	6.046	127,3%	4,2%
Rússia	5.091	5.718	12,3%	4,0%
México	2.815	3.603	28,0%	2,5%
Índia	3.649	3.579	-1,9%	2,5%
Oriente Médio	3.003	3.261	8,6%	2,3%
Japão	3.122	2.925	-6,3%	2,1%
Vietnã	1.808	2.114	17,0%	1,5%
Canadá	1.374	1.797	30,8%	1,3%
Taiwan	1.256	1.391	10,7%	1,0%
Tailândia	1.267	1.273	0,5%	0,9%
Indonésia	1.241	1.212	-2,3%	0,9%
Marrocos	825	1.143	38,6%	0,8%
Outros	16.913	17.582	4,0%	12,3%
Total	135.534	142.415	5,1%	100,0%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comex Stat/Mdic.

Análise de pauta de importação

Na composição das importações por produto, máquinas e equipamentos mecânicos permaneceram como principal item importado, apesar da queda de aproximadamente 13,2% em relação ao mesmo período de 2025. Em contrapartida, destacaram-se os expressivos aumentos das importações de veículos automotores, com crescimento de 37,5%, além do avanço das compras de produtos farmacêuticos, produtos químicos e fertilizantes, refletindo tanto necessidades estruturais da indústria brasileira como elevação de preço de derivados do petróleo por conta do conflito no Oriente Médio (Tabela 4).

TABELA 4. IMPORTAÇÕES POR CAPÍTULO DO SISTEMA HARMONIZADO (SH2)

US\$ milhões FOB					
SH2	Descrição SH2	1S2025	1S2026	Variação (%)	Participação em 2026 (%)
84	Máquinas e equipamentos mecânicos	22.703	19.707	-13,2%	13,8%
85	Máquinas e material elétrico	15.114	16.249	7,5%	11,4%
87	Veículos e autopeças	11.653	16.018	37,5%	11,2%
27	Combustíveis e óleos minerais	14.238	15.344	7,8%	10,8%
30	Produtos farmacêuticos	7.046	8.125	15,3%	5,7%
29	Produtos químicos orgânicos	7.375	7.203	-2,3%	5,1%
31	Adubos e fertilizantes	6.418	7.044	9,8%	4,9%
39	Plásticos e suas obras	5.536	5.816	5,1%	4,1%
90	Instrumentos ópticos, médicos e de precisão	4.496	4.784	6,4%	3,4%
38	Produtos químicos diversos	3.502	3.282	-6,3%	2,3%
89	Embarcações e estruturas flutuantes	2.778	2.575	-7,3%	1,8%
40	Borracha e suas obras	2.315	2.574	11,2%	1,8%
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço	2.204	2.456	11,4%	1,7%
72	Ferro fundido, ferro e aço	2.706	2.164	-20,0%	1,5%
88	Aeronaves e suas partes	2.208	2.129	-3,6%	1,5%
74	Cobre e suas obras	1.515	2.018	33,2%	1,4%
28	Produtos químicos inorgânicos	1.608	1.470	-8,6%	1,0%
76	Alumínio e suas obras	1.171	1.289	10,0%	0,9%
10	Cereais	1.348	995	-26,1%	0,7%
15	Gorduras e óleos animais/vegetais	949	982	3,4%	0,7%
	Demais	18.650	20.192	8,3%	14,2%
Total		135.534	142.415	5,1%	100,0%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comex Stat/Mdic.

Nota: O Sistema Harmonizado, criado pela Organização Mundial das Aduanas, é um padrão utilizado mundialmente para classificar mercadorias no comércio exterior. O termo “SH2” refere-se aos dois primeiros dígitos do sistema, indicando o capítulo de agregação das mercadorias.

A evolução das importações mostra que a expansão da atividade econômica continuou exigindo maior aquisição de bens de capital, insumos industriais e bens intermediários produzidos no exterior. Além disso, observou-se crescimento expressivo nas importações de veículos automotores, suas partes e peças, com

grande participação dos fornecedores chineses. Ao mesmo tempo, o crescimento relativamente contido das importações totais, inferior ao observado nas exportações, permitiu a ampliação do saldo comercial.

Conclusões

Os dados do primeiro semestre de 2026 confirmam o bom desempenho do comércio exterior brasileiro de bens. O crescimento das exportações (11,5%) em ritmo superior ao das importações (5,1%) permitiu elevar o superávit comercial em 40,3%, mesmo em um ambiente internacional adverso. O aumento do superávit comercial reforça a contribuição do setor externo para o crescimento econômico, amplia a disponibilidade de divisas e fortalece a posição externa do país. A composição da pauta exportadora confirma a elevada competitividade do Brasil no agronegócio e nos setores extrativos de recursos naturais.

A perda de dinamismo da corrente de comércio com os Estados Unidos constitui um ponto de atenção relevante para os próximos meses, especialmente diante das sucessivas alterações de política comercial do país norte-americano. A redução de sua importância relativa como destino das exportações brasileiras deverá continuar ao longo dos próximos meses caso persista o contexto atual de imposição de tarifas e sanções aos produtos brasileiros pelos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, em um âmbito mais amplo, as exportações brasileiras têm conseguido ampliar sua presença em novos mercados. O desempenho observado demonstra a capacidade do setor exportador brasileiro de manter sua expansão mesmo em um ambiente internacional caracterizado pelo aumento das barreiras comerciais e pela maior fragmentação geopolítica. A crescente participação da Ásia como destino das exportações brasileiras indica uma continuidade do processo de reorientação geográfica do comércio exterior nacional.

Dessa forma, o cenário reforça a necessidade da continuidade do diálogo diplomático e empresarial com os Estados Unidos e da ampliação da rede de acordos comerciais do Brasil, de modo a aprofundar a diversificação dos mercados de destino das exportações.

Editado pela Gerência de Editoração e Memória do
Departamento de Relacionamento da
Área de Relacionamento, Marketing e Cultura

